

---

*Vivências de mulatos e pretos em Laguna: solidariedades e sociabilidades nos clubes Sociedade Recreativa União Operária e Literário Cruz e Souza (1903-1950)*

*Experiences of mulattoes and blacks in Laguna: solidarity and sociability in the clubs União Operária and Cruz e Souza (1903-1950)*

*Júlio César da Rosa\**

---

**Resumo:** O presente artigo pretende apreender a história da cidade de Laguna – SC na primeira metade do século XX, destacando a constituição de seus espaços, sua economia e a composição populacional. A análise proposta dialoga com as historiografias catarinense e regional, além do uso de fontes históricas, especificamente dados de censos populacionais encontrados no acervo do IBGE. Utilizamos também livros-atas, estatutos de clubes, jornais e a metodologia de História Oral, com o objetivo de, para além de situarmos a configuração socioeconômica, identificar, através do método prosopográfico, a trajetória de um grupo de afrodescendentes inseridos em associações recreativas. O método microanalítico possibilitou capturarmos suas redes sociais, conflitos e tensões e, por fim, a mobilidade de alguns membros

**Abstract:** This article evidence the history of the city of Laguna (SC) in the first half of the 20th century, aspects the constitution of its spaces, its economy and population composition. The analysis proposed dialogue with the Santa Catarina and regional historiography, and the use historical sources, specifically data population censuses found in the IBGEs. We also use Books of Minutes, Statutes of clubs and newspapers, in order to, in addition to situate the socio-economic setting, identify, through prosopographical method, the trajectory of a group of African descent inserted in recreational associations. The micro-analytical method provided we capture social networks, conflicts and tensions, and finally, the mobility of some members attending the recreational societies União Operária and Clube Literário Cruz e Souza.

---

\* Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Pesquisador associado no Neab/Udesc. *E-mail:* juliusdarosa@gmail.com

que frequentavam as sociedades recreativas Clube Sociedade Recreativa União Operária e o Clube Literário Cruz e Souza.

**Palavras-chave:** História. Afrodescendentes. Laguna – SC.

**Keywords:** History. Afrodescendant. Laguna – SC.

---

## Introdução

A proposta deste artigo é analisar a trajetória de um grupo de homens e mulheres afrodescendentes em Laguna, personagens que faziam parte das sociedades recreativas Clube União Operária<sup>1</sup> e Clube Literário Cruz e Souza.<sup>2</sup> Para tal intento, nos valeremos do método microanalítico, a redução da escala de observação. O cruzamento de fontes históricas permitiu nos aproximarmos de uma fração das experiências de sujeitos que a historiografia tradicional invisibilizou.

Seguindo o *nome* como o fio condutor para nossas análises, nas palavras de Carlo Ginzburg, “se o âmbito da investigação for suficientemente circunscrito, as séries documentais podem sobrepor-se no tempo e no espaço de modo a permitir-nos encontrar o mesmo indivíduo ou grupos de indivíduos em contextos sociais diversos”. (1989, p. 173-174).

O *nome* para o desenvolvimento de pesquisas históricas serve como um fio condutor como afirma o autor, “revela-se, mais uma vez uma bússola preciosa” (GINZBURG, 1989, p. 175) para encontrar nossos protagonistas em diferentes fontes que possibilitem perceber suas ações em distintos contextos. As reflexões a partir da micro-história e a utilização do método onomástico permitem pensar sobre temas e pessoas que a história tradicional invisibilizou ou ignorou, como as experiências e as vivências dos “de baixo” (BURKE, 1992, p. 41), aspectos do cotidiano, que, em uma escala macrodimensionada não são perceptíveis. Nesse sentido, o estudo da formação de um grupo ou de um sujeito histórico a partir do nome e por meio de uma abordagem microscópica, podemos entender processos históricos mais amplos. Como destaca Rodrigo de Azevedo Weimer,

ao percorrer a documentação no encalço de determinado sujeito social, o historiador teria acesso, por exemplo, aos seus ambientes de circulação, aos seus comportamentos, às suas práticas matrimoniais, de compadrio e apadrinhamento, a suas alianças sociais, a suas estratégias de ascensão ou suas solidariedades. (2012, p. 191.)

A análise de trajetórias individuais ou de grupos vem se consolidando como um exercício historiográfico cada vez mais presente em pesquisas preocupadas em conhecer e compreender a organização dos grupos sociais e suas dinâmicas internas, bem como o estabelecimento de relações com outros grupos. Essa proposta de análise do passado, como o estudo do movimento dos nossos protagonistas de Laguna, serve de “fio condutor para compreender o tecido social em que estavam envolvidos” (VENDRAME, 2013, p. 15) os membros dessas agremiações.

Outros caminhos profícuos e vantajosos para o estudo da trajetória de coletividades são suas redes sociais. A circulação desses atores sociais em ambientes distintos ajuda-nos a compreender como construíram suas relações sociais, horizontais e verticais e quais eram os diferentes graus de intensidade produzidos na construção e manutenção desses laços interpessoais.

Ao analisar as redes de relações, percebemos conflitos, tensões, contradições, disputas, alianças e afastamentos entre os atores sociais. As supostas coerência e ausência de conflitos criam espaço a uma abordagem que procura problematizar as diferentes ações de grupos ou de um indivíduo em seus mais variados contextos. Nesse sentido, o estudo de trajetórias, sejam elas particulares ou grupais, visibiliza aqueles que sempre foram aliados dos processos históricos.

## **A cidade e seus lugares: os afrodescendentes e seus espaços**

A população afrodescendente não estava presente nas famílias tradicionais e de profissionais liberais, participantes enaltecidos como os responsáveis pelo desenvolvimento da cidade na primeira metade do século XX. Se os afrodescendentes não compunham essa classe social dirigente na cidade de Laguna (ROSA, 2013), podemos deduzir que as atividades desenvolvidas por essa população eram de menor *status*, prestígio e remuneração: nas fábricas de banha, na estrada de ferro, como empregadas domésticas, no porto como estivadores, na agricultura,

como assinala o livro<sup>3</sup> de registro de sócios da sociedade recreativa União Operária.

A partir do cruzamento de fontes, como a lista de registro citada acima e bibliografias laudatórias (ULYSSEA, 1979), foi possível perceber que a população afrodescendente de Laguna, em sua maioria, não fazia parte da elite cidadina, nem era detentora de bens materiais e meios de produção. Mas isso não significa a inexistência desses afrodescendentes, que exerciam influência na cidade e nas atividades desenvolvidas em seus clubes, locais de trabalho e relações familiares, política ou econômica naquela região.

Os afrodescendentes são destacados, nas historiografias catarinense e regional, como uma população inexpressiva ou inexistente, abordagem reforçada por alguns autores como Oswaldo Rodrigues Cabral – médico e higienista e natural de Laguna –, que muito escreveu sobre a história do Desterro, atual Florianópolis, e também sobre Laguna. Em seu livro *Laguna: e outros ensaios* (1939), Cabral reforça a tese de que, em Santa Catarina, a população de origem africana foi insignificante em termos quantitativos e em atuação.

Ele afirma que “é bem verdade que Santa Catarina foi insignificante em população escrava e a densidade do negro na totalidade catarinense uma das menores reveladas pelas estatísticas de épocas diferentes, em comparação à verificada em outras Províncias”. (1939, p. 166). “Não é de admirar”, continua, “que, com a reduzida porcentagem de cativos existentes em Santa Catarina que nada ou quase nada tenha ficado em nossa literatura e em nossa história a seu respeito”. (1939, p. 166). De acordo com essas análises, a inexistência de grandes latifúndios, de grandes fazendas algodoeiras, cafezeiras e açucareiras foi o motivo da não existência de uma vasta literatura sobre africanos e afrodescendentes nessas terras, o que para nós é um grande equívoco. “Não conhecemos o esplendor colonial dos grandes senhores, poderosos e faustosos” refere Cabral (1939, p. 169). Cabral tem como fonte para suas análises os registros oficiais que confirmariam tal inexpressividade:

Em 1860, a Fala do Presidente João José Coutinho dá-nos uma população de 98.281 habitantes, nela incluídos 16.316 escravos, o que constitui apenas, 16,6% da população. Finalmente, em 1881, segundo uma estatística do Ministério da Agricultura, num total de um milhão e duzentos mil escravos existentes em todo o país, informa

que a contribuição de Santa Catarina era apenas 10.821, ou fosse 0,9%. (CABRAL, 1939, p. 167-168).

Sem considerar os africanos e afrodescendentes livres e libertos nessas estatísticas, Cabral corrobora a perspectiva de que a ausência de grandes sistemas de plantação para exportação, comparativamente a províncias como Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, fez de Santa Catarina uma região peculiar, onde predominou um sistema econômico de pequena propriedade, possibilitando o contato mais próximo entre senhores e cativos e, nesse sentido, as relações hierárquicas e de dominação se deram de forma mais suave.

Algumas fontes que evidenciam a ausência de africanos e afrodescendentes no Sul do Brasil são relatos de viajantes que comparavam Santa Catarina a grandes centros exportadores e os relatórios dos presidentes da Província. Em *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*, Fernando Henrique Cardoso utiliza-se dessas fontes, em especial dos relatos de Saint-Hilaire, para verificar a presença/ausência africana na Província catarinense:

Entretanto, numericamente a população escrava da Província cresceu continuamente, durante os primeiros cinquenta anos do século, atingindo pontos máximos na década de 1850 a 1860. Convém ponderar que, se, de um modo geral as estatísticas do passado são falhas, particularmente os dados para a população da Província de Santa Catarina, apresentados nos relatórios de 1855-56-58, pelo presidente J. J. Coutinho, parecem pecar pela imprecisão quando cotejados com os dados que Araújo Brusque fornece para o ano de 1859, estes bem mais seguros, que apontam um número menor de escravos. De qualquer maneira, parece que neste decênio, a população escrava foi mais numerosa em Santa Catarina que em qualquer período do século XIX. (CARDOSO, 2000, p. 125-126).

Fernando Henrique Cardoso afirma que a economia catarinense teve certo crescimento, mas não o bastante para demandar uma grande massa de cativos. Para ele, a economia da Província se desenvolveu com a introdução do imigrante europeu, no século XIX. Ao pensar no desenvolvimento de Santa Catarina após a entrada dos imigrantes europeus, o autor, com base nos relatos de viajantes, comparando Santa

Catarina a grandes centros exportadores, considera inexpressiva a população de origem africana e sua atuação nos diversos setores de desenvolvimento econômico da Província. Nesse contexto, acaba afirmando a hegemonia do imigrante europeu como o suposto empreendedor, não percebendo que os próprios números que ele integra contradizem essa interpretação, pois tal população era expressiva em diferentes atividades cotidianas realizadas na Província. Parece-nos que o esforço de invisibilização é muito mais ideológico do que numérico ou qualquer outro.

Para pensarmos como as fontes foram analisadas e como essa abordagem produziu êxito, ao tornar homens e mulheres de descendência africana pessoas invisíveis, retomamos os estudos de Ilka Boaventura Leite (1996), que enfatiza que esses personagens foram “vistos como não existentes”. Analisemos os dados do relatório de Araújo Brusque: “Se tomarmos dos dados do relatório de Brusque, um dos melhores levantamentos da época, teremos o seguinte cômputo da população de toda a Província, em 1860, incluindo-se a população escrava”. (Apud CARDOSO, 2000, p. 131).

**Tabela 1 – População da Província em 1860**

Municípios	Líves	Libertos	Escravos	Total
Capital	15.552	796	3.597	19.945
São José	12.996	478	2.225	15.699
São Francisco	12.394	1.134	3.948	17.476
Laguna	23.994	6.148	3.310	33.452
São Miguel	7.376	1.326	963	9.665
Porto Belo	11.003	340	1.197	12.540
Lages	4.630	114	1.076	5.820

Fonte: Araújo Brusque (1860).

Cardoso continua indicando que “vê-se, pois que na Capital e seu termo o número de escravos quase sempre foi maior e mais constante que nos outros municípios até 1872. Entretanto, a população de cor de cidades como São Francisco e Laguna era maior do que a de Desterro, porque nelas o número de libertos era grande”. (CARDOSO, 2000, p. 131). Com os números desse relatório, considerando que em Laguna existia uma quantia de libertos e cativos nada inexpressiva, ainda assim o autor interpretava essas fontes com a visão de que se tratava de uma população de africanos e afrodescendentes em pequeno número na

Província, contrariando as próprias fontes que sugeriam a existência de um percentual considerável de homens e mulheres de ascendência africana em terras catarinenses.

E quanto à população de Laguna, o recenseamento de 1900 registra, no município, 8.224 homens e 8.227 mulheres, somando um total de 16.451. Em 1920 havia, em Laguna, 13.703 homens e 13.870 mulheres, perfazendo um total de 27.573 habitantes. O censo demográfico de 1940 registrava uma população de 33.218 habitantes classificados quanto à cor e ao sexo: brancos, 15.169 homens e 15.559 mulheres; pretos, 1.058 homens e 1.307 mulheres; pardos, 62 homens e 62 mulheres, um homem não declarou a cor.

**Tabela 2 – População presente por sexo – Laguna – 1900**

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	8.224	8.227	16.451

*Fonte:* IBGE – Censo Demográfico de 1900.

**Tabela 3 – População presente por sexo – Laguna – 1920**

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	13.703	13.870	27.573

*Fonte:* IBGE – Censo Demográfico de 1920.

**Tabela 4 – População presente por sexo e cor – Laguna – 1940**

Município	Branco		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ã declarada	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Laguna	15.169	15.559	1.058	1.307	-	-	62	62	01	

*Fonte:* IBGE – Censo Demográfico de 1940.

Segundo o Censo do IBGE de 1950, a população de Laguna era de 38.189 habitantes, composta da seguinte maneira, quanto ao sexo e à cor: brancos, homens 17.442 e mulheres 17.938; pardos, 448 homens e 484 mulheres; pretos, 856 homens e 957 mulheres; e 74 não declaram a cor. Esses dados não constam na tabela do censo de 1950, mas em outro texto também produzido pelo IBGE,<sup>4</sup> onde fica explicitado o conteúdo em questão. O somatório total dos habitantes de Laguna, no mesmo censo, é de 38.125 e não de 38.189, como consta nos registros oficiais.

**Tabela 5 – População presente por sexo e cor – Laguna – 1950**

Município	Branco		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ã declarada	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Laguna	17.442	17.938	856	957	-	-	448	484	-	-

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 1950.

Os dados oficiais referentes ao censo de 1950 apresentaram imprecisões, deduzindo-se que, nos censos anteriores, também tenham ocorrido erros. Não podemos descartar tal hipótese, pois que os registros alterados ou uma vez que apresentem alguma deficiência e sendo utilizados como fonte, devem ser inquiridos, investigados pelo historiador. A leitura minuciosa, a percepção daquilo que não é visível e o cotejo com outras fontes podem auxiliar na investigação de inquietações partidas do tempo presente.

A classificação por cor em 1900 e 1920 não foi registrada, pois esse tipo de registro teve início em 1940, quando em Laguna existiam 2.365 homens e mulheres, que se identificavam como *pretos*. Os *pardos* somavam um total de 124 e, em 1950, os pretos somavam 1.813, e os pardos, 932. De 1940 para 1950, houve um aumento significativo daqueles que se autotransformavam como *pardos* e diminuiu o quantitativo dos que se diziam *pretos*. O grupo de autodeclarados *brancos*, de 1900 a 1950, obteve maior crescimento segundo dados do IBGE.

Esses dados inquietam sobre os motivos desse aumento significativo, em dez anos, de pessoas que se autodenominavam *pardos* e a redução daqueles que se diziam *pretos*. Podem existir infinitas explicações para a alteração desses números, desde imprecisão dos dados do IBGE até

interferência dos recenseadores, classificando as pessoas de acordo com seus critérios e, por fim, talvez, aqueles que se classificavam como *pretos* passaram a se declarar *pardos*. Os dados apontam para essa direção, indicando que o número daqueles que se classificaram como *pretos* diminuiu, possivelmente devido ao mito da democracia racial e da negação da origem ou cor na tentativa de romper com a herança da escravidão.

Pode-se dizer que a composição social de Laguna, nas primeiras décadas do século XX, (1900 a 1950), a territorialidade dos espaços de sociabilidade ocorreu para atender a categorias sociais distintas. Os territórios dos afrodescendentes de Laguna eram as sociedades recreativas, espaços de resistência à exclusão, mas também locais de solidariedade, sociabilidade, desejos e projetos coletivos, um lugar próprio em que podiam viver entre *iguais*.

As marcas da presença e da atuação de afrodescendentes estão impressas na construção de espaços de sociabilidade e em toda a cidade, como expõe o memorialista de Laguna, Saul Ulyssea (1943), na obra *A Laguna de 1880*. Nesse trabalho, o autor traça um panorama da cidade, excursionando por memórias, descrevendo lembranças das ruas, edificações, pessoas das mais *simples* às mais *distintas* e *honrosas*, como ele mesmo relata. Ulyssea narrou a existência de alguns afrodescendentes residentes nas áreas centrais da cidade, convivendo ao lado de comerciantes, exportadores, pessoas que faziam parte dos grupos sociais dirigentes.

O primeiro registro é evidenciado da seguinte forma: “Na rua da Praia, hoje atual Gustavo Richard, a não ser no primeiro quarteirão, raras casas eram ocupadas para a moradia. Em sua grande maioria serviam de estabelecimentos comerciais”. (ULYSSEA, 1943, p. 29). Após descrever todos os estabelecimentos, residências e pessoas dessa rua, o autor permitiu que se conhecesse em que condições viviam os afrodescendentes em Laguna, seu nome, sua profissão, etc. Ao lado de um sobrado pertencente ao comerciante José Pereira da Silva Candemil, diz o autor, “existia uma cêrca de taboas em mau estado e no interior uma meia água onde morava um preto, bom carpinteiro de nome Manoel Tavares. Preto bem falante que gozava de confiança geral devido à sua honestidade”. (1943, p. 29).

Na Rua do Ouvidor, atual Osvaldo Aranha, até o final da Rua Fernando Machado, do lado direito, existiam lá duas ou três casas baixas, segundo o autor, e que “em uma delas morava uma preta parteira muito

prática de nome Maria Lúcia que a creançada [sic] chamava de ‘dindinha Lúcia’. Era a parteira mais cotada”. (1943, p. 30). Na Rua Tenente Bessa, do lado esquerdo, depois de uma cerca de tábuas velhas, em “uma pequena casa morava o charuteiro Roberto e um menino de nome Ismael, muito comedido e de bons costumes. Esse menino foi mais tarde, um dos mais distintos funcionários públicos, o sr. Ismael Souza”. (1943, p. 35).

Este mesmo Ismael Souza se tornou presidente da Sociedade Recreativa União Operária nos anos de 1924 e 1925.<sup>5</sup> Na antiga Rua Direita, hoje denominada Raulino Horn, no lado esquerdo da rua, morava um alfaiate de nome Manoel Alano Fernandes Lima. Segundo Ulyseia,

Manoel Alano era o alfaiate da moda e vestia-se bem. Baixo, forte e de fisionomia simpática. Foi o único homem de côr que conseguiu vencer o preconceito da época contra os descendentes da raça negra, devido ao seu caráter, insinuação e delicadeza. Freqüentava a melhor sociedade. (1943, p. 43).

Ainda na mesma rua residia um pardo de nome Sabino, que era barbeiro, morava em uma “casinha” baixa nos fundos dos herdeiros do Coronel Bessa. Já na Rua Santo Antônio, onde está localizada a atual sede da Sociedade Recreativa União Operária, morava uma parda<sup>6</sup> de nome Felisbina. De acordo com o autor, do lado direito, começava um terreno baldio, seguindo uma cerca e quatro casas baixas, sendo uma dessas de propriedade de Felisbina.

No Largo da Carioca, atualmente Praça Lauro Müller, localizava-se o Grupo Escolar Jerônimo Coelho e a antiga residência do Tenente-Coronel Joaquim José Pinto de Ulyseia, uma das casas mais bem-construídas em Laguna na época. Nessa região, residiam os herdeiros do Tenente Francisco Freitas, próximos do Morro da Carioca e perto da casa dos herdeiros do Tenente, “moravam uma parda de nome Iria, um preto de nome Manoel Francisco e um pardo alto conhecido como João Mujolo que puxava de uma perna devido a um ferimento na Guerra do Paraguai onde fora voluntário”. (1943, p. 54).

Em outra casa morava um preto da Costa, Antonio Wanzeller, que, aos domingos, segundo o autor, de calças brancas e enormes sapatos esmolava para a Irmandade Nossa Senhora do Parto. Sua mulher, de nome Luiza, era parteira. Já na antiga Praça da Matriz, hoje Praça

Marechal Floriano, no quarteirão que vai da Rua Voluntário Carpes até a Rua “Santo Antônio morava o carpinteiro pardo de nome Alípio, apelidado de bacalhau”. (1943, p. 56).

Em direção ao Mar Grosso, não existiam muitas edificações, a partir do Largo da Carioca, do lado esquerdo, residiam, nas imediações, “o pardo de nome Jerônimo, conhecido de Jerônimo Violá carpinteiro construtor de navios e, na outra, o preto Cipriano, pedreiro. Ambos muito trabalhadores e que todos estimavam por serem honestos”. (1943, p. 61). Identificamos esses personagens e seus lugares sociais no Município de Laguna, cotejando as memórias de Saul Ulyseu com base no Livro de Registro de Matrícula dos Sócios da Sociedade Recreativa Clube União Operária, juntamente aos anúncios no jornal *O Albor*, que noticiavam a composição das diretorias à frente do Clube Literário Cruz e Souza.

Por meio dessas fontes alcançamos um quadro que possibilitou identificar onde esses homens e mulheres residiam, qual era sua profissão, seu estado civil, bem como suas redes sociais. E, por meio do método “onomástico” e do cruzamento dessas fontes, reconhecemos a profissão de Manoel Alano, alfaiate, e os espaços por onde circulava. Além ser proprietário da loja de fazenda e armarinho Manoel Alano & Irmãos, foi também tesoureiro na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Laguna. (SAYÃO, 2015, p. 142).

A partir dos dados de registros profissionais, constantes no Livro de Registro de Matrícula dos Sócios da Sociedade Recreativa União Operária, percebemos muitos ajustadores, pedreiros, professores, militares, negociantes, escriturários, marceneiros, carpinteiros, pintores, operários, ourives, choferes, entre outras profissões, dado que contrapõe determinada bibliografia (FERNANDES, 1965), que enfatizou o despreparo profissional dos afrodescendentes no Brasil para o trabalho livre, devidamente remunerado, consequência única e exclusivamente herança da escravidão, na visão de alguns historiadores, como destacou Fernandes.

Quinze anos depois da abolição da escravidão, estava fundada uma sociedade recreativa em Laguna, que possuía em seu quadro funcionários públicos, alfaiates, tipógrafos, carpinteiros, telegrafistas, professores, além de comerciantes. A relação de profissões que evidenciamos anteriormente, em nota de rodapé, evidencia e contraria a visão de que os afrodescendentes saíram despreparados para o mercado de trabalho, quando findada a escravidão.

O quadro de profissões da Sociedade Recreativa União Operária revela que, mesmo trabalhando em profissões como pedreiros, carpinteiros, sapateiros, entre outras de maior importância social, seus associados conseguiram, em poucos anos, recursos financeiros para se projetarem como uma *elite negra* em Laguna e em outras regiões do País, tanto no meio rural quanto no urbano. A participação dos afrodescendentes na sociedade de Laguna no pós-escravidão não foi percebida no artigo de Eunice S. Nodari e Élio Serpa (1995). Os autores destacam apenas os clubes frequentados por grupos abastados de Laguna, não mencionando a existência de dois clubes fundados por afrodescendentes na cidade.

A visão dos autores considera que não apenas as elites ditavam suas normas de comportamento, mas pessoas ditas *sem influência*, perante essas elites, também imprimiram seu modo de ser e estar-no-mundo, como podemos perceber no ofício endereçado a Francisco Rosa, responsável pelo Buffet na Sociedade Recreativa União Operária:

De acordo com o nosso Estatuto não devem permitir em hypothese [sic] alguma que nos salões desta sociedade freqüentem pessoas que não estejam decentemente trajadas, qualquer que seja o dia, seja para simples palestras ou jogos. Deves mostrar este ofício a todos os que não estiverem dentro desta exigência.<sup>7</sup>

Para eles, a vestimenta era algo essencial, sendo necessário estar adequadamente vestidos, ao que tudo indica, seguindo padrões de dignidade e respeitabilidade, como uma maneira de romper com estereótipos e ser percebidos positivamente pelos grupos dominantes e entre os seus. Outro indício que assinala atitudes de controle dos membros dessas sociedades está presente na lista de bibliografia que compõe a biblioteca<sup>8</sup> da agremiação. Entre os livros do seu acervo constava o Código de Posturas Municipais,<sup>9</sup> de Henrique Monteiro de Abreu, sugerindo que o conhecimento do teor desse código de posturas municipais, associado ao estatuto dessa sociedade, indicou as bases para o controle moral de seus membros.

Eunice S. Nodari e Élio Serpa (1995) destacam que Laguna possuía 17 sociedades recreativas e esportivas, citando, entre elas, a Sociedade Musical União dos Artistas e a Banda Musical Carlos Gomes, ambas compostas, também, por afrodescendentes, fato esse não mencionado:

Existem em Laguna, nesta época, em torno de 17 sociedades recreativas e esportivas, destacando-se o Club Blondin e a Sociedade Recreativa Congresso Lagunense, além de sociedades musicais: Sociedade Musical União dos Artistas, Club Musical Lyra Commercial, Sociedade Musical Perseverança, e Banda Musical Carlos Gomes [...] cujas programações, de acordo com os jornais, eram as mais variadas. (NODARI et al., 1995, p. 12).

Ao perceber os vários anúncios das sociedades recreativas nos jornais de Laguna, intriga-nos os motivos pelos quais os autores evitaram identificar a existência de dois clubes construídos e frequentados por homens e mulheres descendentes de africanos, situados no centro da cidade, tendo em vista o destaque dado somente a clubes dos grupos dirigentes de Laguna.

Possivelmente, valendo-se de um olhar eurocêntrico, tais autores não perceberam que essas populações também faziam parte da vida sociocultural que movimentava Laguna em noites de festa, retretas, saraus e apresentações teatrais, como se pode notar em anúncio publicado no jornal de maior circulação da cidade.

Realizou-se a 30 do mez findo a annunciada festa do Club Cruz e Sousa. As 9 horas da noite teve começo a referida festa, que constou recitativo, poesias e discursos tendo terminado com animadíssimo baile. Ao Club Cruz e Sousa apresentamos parabéns pela sua bem organizada diversão.<sup>10</sup> [sic]

Por meio de anúncios de divulgação das atividades desenvolvidas pelos clubes, como bailes e festas carnavalescas, percebe-se no jornal *O Albor*, que Laguna tinha uma vida sociocultural dinâmica, haja vista seu *status* de porto mais importante do estado. Por conseguinte, percebemos as atividades portuárias como intensificadoras das atividades culturais que movimentavam a cidade, considerando a circulação de pessoas através do porto.

Preocupados em apontar como os grupos dirigentes definiram seus espaços de sociabilidade, modos vida, expectativas e aspirações, os autores não atentaram para a forma como as camadas populares também se organizavam e compreendiam as novas mudanças. Afinal, como explicita

a história vista sob outra perspectiva, e como enfatiza George Reid Andrews,

os dominados sempre participam do processo de criação, e não somente como vítimas e pessoas desamparadas. Mesmo quando atuam de uma posição de fraqueza e desvantagem, suas ações e decisões desempenham um papel fundamental na determinação do curso da transformação histórica. (1998, p. 40).

### A “elite negra” em Laguna: Clube Sociedade Recreativa União Operária e Clube Literário Cruz e Souza

Os afrodescendentes de Laguna também construíram seus espaços na cidade, deixando evidentes projetos e aspirações. As evidências que indicam tais atitudes são as normas de conduta constantes nos estatutos dos clubes e a quantidade de anúncios referentes a eventos sociais que esses grupos sociais tornavam públicos, divulgando concepções coletivas e atividades socioculturais por meio dos jornais. Além disso, revelam ações que permitiam retirar da *apatia* os afrodescendentes que faziam parte daquelas sociedades, como a construção de uma escola própria para seus associados.

As associações recreativas não estavam preocupadas somente com o lúdico. As diferentes ações e atuações não eram privilégios da Sociedade Recreativa União Operária e do Clube Literário Cruz e Souza, pois, investigando a constituição desses clubes sociais, estabelecendo diálogo com outras pesquisas<sup>11</sup> no pós-abolição, verificamos que os fundadores dessas associações se destacaram em suas atividades e/ou conseguiram certa estabilidade, obtendo rendimentos econômicos para a construção e manutenção desses espaços. Esses homens e mulheres que conquistaram prestígio e ascenderam socialmente, podemos considerá-los como parte de uma “elite negra”.

Os espaços de sociabilidade dos afrodescendentes em Laguna são marcados pela presença de mulatos e pretos<sup>12</sup> em cada um deles. Esses territórios possibilitaram a conquista de autonomia e de mobilidade social a esses sujeitos, o acesso a bens culturais e materiais que a grande maioria de afrodescendentes não possuía naquele contexto. Nesse sentido, essas pessoas tornaram-se uma “elite negra”, não como grupo detentor dos meios de produção e poder político (isso não significa ausência de influência política daqueles que possuíam maior prestígio

social e representatividade nessas sociedades), mas à medida que se distinguiram da massa de afrodescendentes, não somente em termos culturais e econômicos, mas também na maneira como se viam e percebiam o mundo.

Os sócios e os convidados das agremiações exerciam as mais diversas profissões, como Adolpho Campos que era funcionário público; Aldo Jerônimo do Nascimento, funcionário federal; Almiro Pacheco do Reis, funcionário federal; Antônio Souza Neto, em 1940, era um foguista e em 1946 aparece registrado no livro do clube como funcionário federal; Antônio Ramos, telegrafista; Ataliba Pacheco, de sapateiro passou a negociante; Bento Brum, consta como carroceiro em 1926 e, em 1946, era funcionário federal; Bonifácio Gil, de cozinheiro a negociante; Cid Natividade, de caixeiro em 1921, passou a comerciante em 1926; Emmanuel Alano, de agente passou a conferente e, por último, funcionário federal; Francisco Rosa, de diarista a comerciante; Ismael Souza, funcionário público; João Ferreira, enfermeiro; João Francisco Rosa, alfaiate; João Sérgio, de cozinheiro a sapateiro; Jorge Savas, hoteleiro; Olavo Alano, comerciante; Sizino Antônio Machado Filho, de caixeiro a negociante.

Esses homens afrodescendentes que ascenderam socialmente foram destacados para contrapor a ideia de que as populações de origem africana no pós-abolição estavam desprovidas material e moralmente e sem condições de se “integrarem à nova ordem social competitiva”. (FERNANDES, 1978, p. 43-60). Com base nos depoimentos dos entrevistados, corroborando as demais fontes, foi possível perceber a mobilidade social daqueles que integravam a Sociedade Recreativa União Operária. Em depoimento, o jornalista Paulo Sérgio da Silva, bisneto do comerciante Sizino Antônio Machado, um dos fundadores do clube recém-citado, relata:

O meu bisavô, ele... Vou partir do começo né. Ele foi criado na família dos Viana, ele já nasceu, era um escravo né. Aí, a partir de ele ter conseguido a liberdade dele, mas mesmo assim ele permaneceu junto com a família dos Viana. Aí ele começou a vida com um carrinho de mão né, trabalhava num carrinho de mão fazendo carreto nos mercados. Mas era um cara que tinha um tino para comércio. Muito bom. E devagarinho começou a juntar dinheiro. Começou a juntar dinheiro até que casou com uma mulher que também era muito dada a fazer economia, que era a dona Infância. E ele através daquilo ali, montou

uma lojinha pequenininha. [...] Depois veio o advento da guerra né, Primeira Guerra Mundial mais ou menos, e aí nessa fase foi, foi onde que com a esperteza dele começou a se dá bem. Aí ele já começô a ampliá o negócio dele, começô a fornecer, é, alimentação pras tropas que tavam envolvidas na guerra e... Sei que o homem ganhou, começô a receber pagamentos em terras do governo, recebeu terras em Paulo Lopes, em, na época era Araranguá, Praia Grande. Eu tive lá uma vez olhando lá e... Um monte de coisa aí. Paulo Lopes, Praia Grande, Jacinto. E daí ele começava a fazê o dinheiro girá. Tanto que em Laguna ele chegou num ponto de ter cento e dezoito imóveis, dentro da Laguna. Fora o que ele tem de, tinha de terrenos aqui. E nessa brincadeira ele conseguiu fazer um pequeno império, camarada que saiu do nada. [...] Mas depois, ele que era do secos e molhados, influenciado por um comerciante aí da região, um tal de Sanguinete, ele mudou de ramo, saiu do secos e molhados e foi vender tecidos e confecções. Não se deu bem, parou com os negócios e começô a viver só de alugueís, de venda né, como de resto também a família toda depois passou a ser, vamos dizer assim, vivendo dessa renda, dessas condições. Os filhos alugavam casa e assim foi, até que naturalmente, o todo vai se diluindo né. Cada um havia ficando com um pouquinho aqui, os outros ficam com um pouquinho lá. Ainda sobrou pros netos (risos).<sup>13</sup> [sic].

Segundo o radialista João Manoel Vicente, os mulatos da Sociedade Recreativa União Operária, que se destacaram nas mais diversas profissões, alcançaram importância no meio social em que circulavam. Muitos começaram a se destacar nas oportunidades de trabalho, formando uma espécie de “elite”, dentre eles, assegura o depoente:

Aqueles mulatos que se destacaram mais profissionalmente, nesta ou naquela profissão, começaram a ter uma condição de vida melhor, financeira e economicamente falando, e que começaram também a ter melhores condições de estudo, na área educacional é que começou a formar esta estirpe, essa elite. Os mulatos ficam agregados e se reuniam na sociedade recreativa União Operária.<sup>14</sup>

A professora Marli Brum, filha do antigo sócio Bento Brum, funcionário público, relata que as condições financeiras de sua família proporcionaram uma vida um pouco melhor que a vivenciada pela maioria dos afrodescendentes de Laguna:

A minha família, por exemplo, o meu pai era funcionário público, né, a minha mãe trabalhava só em casa, a minha tia, né, que frequentava lá (Club União Operária), e tudo a minha avó, já era costureira, então já era mais ou menos melhorzinhos né. [...] Nós tínhamos duas casas ali [no Magalhães], né porque nós, nós tínhamos o poder aquisitivo mais ou menos, mais ou menos, né!<sup>15</sup> [sic].

O também funcionário público, Adolpho Campos, é lembrado pelo seu João Manoel Vicente: “Era um mulato também que trabalhava na Prefeitura.” Esse sujeito, além de orador da Sociedade Recreativa União Operária, atuava como secretário da agremiação. Os livros da sociedade recreativa registram sua presença em quase todas as gestões, indicativo de que, possivelmente, era uma pessoa influente no meio social de Laguna, visto o cargo ocupado na Prefeitura.

Segundo uma ata de reunião, essa sociedade recreativa confessava uma dívida com Adolpho Campos, por esse ter cancelado os impostos em atraso que a agremiação possuía na Prefeitura.<sup>16</sup> A partir dessa situação, a dívida de Adolpho Campos foi desconsiderada, dada sua intervenção para saldar as pendências da agremiação com o Poder Público municipal. A posição desse homem, na rede de relações da agremiação e fora dela, reforça a tese de que não basta apenas estar inserido em uma rede, o arranjo que o indivíduo possui, no exemplo exposto, supõe a existência de laços e relações sólidas desse associado, o que garantiu benefícios ao clube por seu intermédio.

Em seu quadro de sócios, como indica a lista de matrículas, estavam presentes: funcionários públicos, comerciantes, pescadores, operários, carpinteiros, pedreiros, pintores, diaristas, alfaiates, sapateiros, entre outras profissões, forjando-se, assim, a imagem daquele clube como o clube da elite “negra” de Laguna. A memória dos entrevistados reflete a ideia de um grupo social distinto, de pessoas com certo poder aquisitivo, que se destacavam dos demais afrodescendentes lagunenses por estarem inseridos em um ambiente de *status* e dignidade.

Os dados relativos às profissões mencionam muitos trabalhos distintos realizados pelos associados. As lembranças de nossos depoentes afirmam que, entre os afrodescendentes de Laguna, houve, sim, um grupo que se destacou economicamente. De acordo com a fala dos três entrevistados, a mobilidade e a ascensão social permitiram a esses indivíduos melhores condições materiais, o que lhes permitiu que frequentassem espaços de sociabilidade e lazer.

Que é um clube que, cá pra nós, sempre foi um clube da elite negra da Laguna, a verdade é essa. Esse é um detalhe que às vezes as pessoas não gostam de falar muito, mas não era qualquer negro que entrava no Operária. Eles tinham assim aquela pompa, e baile, e o pessoal gostava.<sup>17</sup> [sic]

Agora o União Operária já era diferente o União Operária as pessoas além de serem um pouquinho mais abastados né, assim numa melhor situação financeira eram mais claros então se julgavam superiores aos outros, coisa triste né, mais fazer o quê?<sup>18</sup>

A Operária começou a fazer uma elite de mulatos. A Operária era mais freqüentada pelos mulatos claros, mais pardos. Não os pretos mais fechados. Evidentemente que nem todos, além da cor, nem todos tinham as condições financeiras de freqüentar o Operária. É que geralmente, o pobre mais, o preto mais pobre era aquele que morava na periferia. Eram pintores, carpinteiros, não podiam freqüentar uma sociedade, financeiramente falando.<sup>19</sup>

Os três são categóricos em afirmar que a Sociedade Recreativa União Operária “sempre foi um clube da elite negra de Laguna, que “as pessoas além de serem um pouco mais abastadas”, eram mais claras e se julgavam superiores”. “Além da cor, nem todos tinham condições financeiras para frequentar a Operária”, ao “preto mais pobre”, àquele que morava na periferia “não era permitida a entrada no clube”. Esses “eram carpinteiros, pintores”, que não poderiam frequentar essa agremiação.

As memórias dos nossos depoentes contribuíram para romper com uma historiografia que afirmava a suposta incapacidade dos afrodescendentes de organização, de mobilização em prol do soerguimento cultural e socioeconômico. Mesmo diante das contradições da memória, como indicam as lembranças de João Manuel Vicente, que pintores, carpinteiros não poderiam entrar naquela agremiação, pode-se apreender que os sócios dessa sociedade exerciam as mais diversas profissões naquele município, e que essa multiplicidade de profissões, entre a de maior prestígio e segurança financeira, como ser um funcionário público, ou a de caráter temporário, como um pintor, não foi impedimento para que esses atores sociais garantissem seu espaço na sociedade.

É evidente que a memória é um campo contraditório e de conflitos; as lembranças passadas aos nossos entrevistados estão distantes daquela experimentada por nossos protagonistas. O discurso da memória, como

ênfatiza Beatriz Sarlo (2007, p. 51), “tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade”.

As tensões e os embates no tempo presente, a *autodefesa*, a constante afirmação de que os mulatos da União Operária eram a *elite* afrodescendente de Laguna, fazem parte da construção e reconstrução de memórias. Esses entrevistados, sendo filhos, bisnetos e frequentadores daquela agremiação, talvez estivessem querendo manter, “ocultando inconscientemente ou conscientemente”, *inventando e/ou modificando* suas lembranças, como forma de legitimar o *status* conferido a seus pais e a eles próprios. E, nesse sentido, essas memórias legitimariam a existência de um clube de mulatos abastados em Laguna, apagando a existência de outra sociedade recreativa frequentada por pretos, vistos como detentores de menor poder aquisitivo e prestígio social.

As memórias dos entrevistados afirmam que pretos frequentavam o Cruz e Sousa, e os mulatos, a União Operária. Como nos indicam Marli Brum e João Manoel Vicente,

o União Operária eram mulatos, geralmente mulatos claros, era o caso da minha mãe né, e o Souza frequentava os mais escuros pretos negros mesmo, então os negros pretos sonhavam um dia botar os pés na Operária sabe, isso contado pela minha mãe.<sup>20</sup>

E você vê a fala que me interessou: Cruz e Sousa. Arcelino Gonzaga. Eu não conheci. Afonso Sabino, esse eu conheci. Afonso Sabino morava ali na Praça Cesar França de Magalhães. Era um mulato gordo, músico né. Adolfo Campos. Era um mulato também que trabalhava na Prefeitura, né.<sup>21</sup> [sic]

Analisando o livro de registro de sócios e a ata de fundação das duas sociedades, encontramos alguns mulatos que circulavam pelo Cruz e Souza, todavia o contrário não ocorria, ou seja, os negros eram impedidos de transitar na União Operária.

No jornal *O Albor*, de 22 de agosto de 1915, havia quatro membros da União Operária integrantes também do Cruz e Souza: o presidente José Thomaz de Oliveira; o vice-presidente Antônio Felisberto da Rosa, negociante na cidade; Philastro C. da Cruz, diarista; e o funcionário público Adolpho Campos. Em 13 de maio de 1917, o presidente em

exercício era Affonso Sabino, o vice-presidente era José Thomaz de Oliveira, o orador oficial era Levy Limas, carpinteiro, e João Domingos, pintor e zelador do clube na nova diretoria do Cruz e Souza, sendo que todos também eram sócios da União Operária.

Essas evidências sugerem que as fronteiras desses espaços de sociabilidade e lazer eram rígidas, como afirmaram nossos entrevistados. É o que aponta à existência de uma diretoria do Cruz e Souza<sup>22</sup> composta, em sua maioria, de sócios da União Operária e, dessa vez, não encontramos três ou quatro membros, mas sete (presidente, vice-presidente, primeiro-secretário, segundo-secretário, tesoureiro, orador, primeiro-fiscal e segundo-fiscal, faltando no anúncio os cargos de primeiro e segundo-procuradores e zelador), sendo Prudêncio Martins, o primeiro-fiscal, o único que não integrava os registros da União Operária, fato que não o impedia de estar entre os membros daquela associação.

Essa negação, em termos de acesso, não sucedia em ambos os clubes, pois, conforme revelam as fontes, apenas os membros da União Operária faziam parte da diretoria e frequentavam o Cruz e Souza, e o inverso não acontecia. Desse modo, a rigidez dessas fronteiras nos espaços de sociabilidade possibilitou perceber que esses homens e mulheres travavam constantes disputas.

Ao que parece, a diferenciação entre aqueles que se identificavam como negros e mulatos foi usada para qualificar/desqualificar pessoas, numa disputa entre grupos de afrodescendentes com o uso de categorias étnico-raciais nas auto classificações e na classificação dos outros num campo negro.

Qualificar/desqualificar o *outro* também pode indicar uma fuga de estigmas e estereótipos que a categoria *negro* carregava, utilizando os termos *preto* e *mulato* para se aproximar da cidadania. Talvez esse conflito tenha marcado o possível distanciamento de um grupo de não brancos (de pele mais clara), daquele grupo de não brancos (de pele mais escura):

A nomeação de mulato ou moreno, para os sócios do União Operária serviria para demarcar o status social, ou sofrer menos discriminação e ser mais aceito, dessa forma tornar-se mulato/moreno representaria uma marca de ascensão social. (SAYÃO, 2015, p. 140).

Assim, as pessoas estavam imersas em um ambiente reprodutor de processos de exclusão e hierarquização social impostos pela sociedade.

## Considerações finais

A Sociedade Recreativa União Operária e Clube Literário Cruz e Sousa e foram espaços autônomos, onde os frequentadores procuravam viver e se relacionar de acordo com seus interesses. Os clubes não estavam isentos de conflitos, contradições, afastamentos e adesões. Além dos conflitos existentes entre esses sujeitos históricos, esses locais foram de grande importância para os afrodescendentes dessas regiões, pois, nesses ambientes construíram autoestima, formaram famílias, ascenderam socialmente, lutaram por cidadania, visibilidade, respeitabilidade na tentativa cotidiana de desconstruir estereótipos ambicionando maior ascensão social.

A ausência de mais fontes impediu o preenchimento de lacunas importantes, como, por exemplo, traçar a trajetória pessoal e profissional de alguns membros do Cruz e Souza que não compunham o quadro da União Operária, mas, possivelmente, eram pessoas influentes entre os negros, haja vista a constante permanência desses personagens figurando nos anúncios do jornal *O Albor* entre os membros da diretoria do clube. Esse poderá ser um dos desafios dos novos estudos e abordagens sobre a organização dos clubes e sua atuação.

Mesmo com algumas lacunas e perguntas que ficaram sem respostas, o desenvolvimento deste artigo é fruto de alguns resultados e esforços para documentar a presença de afrodescendentes no Sul do Brasil (Santa Catarina), na intenção de evidenciar a importância desses atores sociais na história desse estado.

A abordagem adotada neste artigo tem como proposta a redução da observação ao âmbito do microscópico para captar o invisível ao olhar panorâmico. Com essa técnica de observação reduzida, o que escapa num primeiro olhar, por meio de uma escala microscópica, pode significar outras possíveis interpretações do passado, vivências e experiências de sujeitos históricos que se perderam em análises macroestruturais. Nesse sentido, a micro-história italiana possibilitou apreender uma fração do *vivido*, das experiências pretéritas de um grupo de sujeitos históricos que, no início do século XX, se organizaram a partir de interesses comuns, mas também opostos.

## Notas 1

---

<sup>1</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Mapa municipal de Laguna*, n.10. p, 221, 1960.

<sup>2</sup> Essa nomeação foi dada pelo próprio autor do livro.

<sup>3</sup> Não foi possível identificar o ano do Código de Posturas a que a sociedade obedecia.

<sup>4</sup> No entendimento de Hebe Maria Mattos (2013, p, 41), mulato era a pessoa de origem africana de pele clara; o termo *pardo* significava o escravizado descendente de homem livre (branco) ou

nascido livre, mas com marcas da ascendência africana e ainda a condição social como assinala Sheila Faria (2004); preto designava a origem africana do escravizado; crioulo era o escravizado nascido no Brasil. “Já a palavra ‘negro’ designava sempre a condição cativa do indivíduo”. O termo *mulato*, em meados do século XIX, como verificou Hebe Maria Mattos nos processos civis e criminais, era interpretado da seguinte maneira: “Apenas quando qualificava forros e escravos o termo ‘pardo’ se reduzia ao sentido de mulato ou mestiço, que frequentemente lhe era atribuído”. (2013, p. 41-102).

## Notas 2

---

<sup>1</sup> Ata de Fundação da Sociedade Recreativa União Operária, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1965. p. 68.

<sup>2</sup> Em 29 de junho de 1906, foi inaugurado o Clube Cruz e Souza, fato noticiado pelo jornal *O Albor*, em 5 de agosto de 1906.

<sup>3</sup> Açougueiro (1), Agente (13), Ajustador (1), Alfaiate (7), Artista (6), Caixeiro (4), Carpinteiro (20), Carroceiro (9), Chofer (8), Comerciante (8), Comércio (3), Confeiteiro (1), Conferente (1), Copeiro (1), Cozinheiro (12), Diarista (41), Empregado (6), Empregado Público (5), Encanador (1), Enfermeiro (1), Engraxate (1), Escriturário (2), Estivador (12), Ferreiro (9), Fogueteiro (5), Foguista (3), Funcionário Federal (9), Funcionário Municipal (2), Garçom (1), Hoteleiro (1), Maquinista (2), Marceneiro (1), Mecânico (1), Militar (1), Negociante (13), Operário

(64), Ourives (1), Padeiro (3), Pedreiro (19), Pescador (2), Pintor (18), Portuário (4), Professor (1), Sapateiro (7), Servente (10), Telegrafista (5), e Tipógrafo (4). Livro de Registro de Matrícula dos Sócios da União Operária (1919 a 1952).

<sup>4</sup> Livro-Ata da Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935. p. 4-5.

<sup>5</sup> Ofício expedido a Francisco Rosa, em 22 de maio de 1939.

<sup>6</sup> Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935, p. 30-32.

<sup>7</sup> Jornal *O Albor*. Laguna. 10 de outubro de 1916, n. 722.

<sup>8</sup> Para maiores informações, consultar os trabalhos de: Aguiar (1998); Cardoso (2012); Carvalho (2008); Sayão (2015); Domingues (2004).

- <sup>9</sup> SILVA, Paulo Sérgio. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010.
- <sup>10</sup> VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010.
- <sup>11</sup> BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010.
- <sup>12</sup> Livro-Ata da Sociedade Recreativa União Operária de 1943, p. 37-38.
- <sup>13</sup> SILVA, Paulo Sérgio. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010.
- <sup>14</sup> BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010.
- <sup>15</sup> VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010.
- <sup>16</sup> BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010.
- <sup>17</sup> VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010.
- <sup>18</sup> *O Albor*, Laguna, 28 de abril de 1932, n. 1143.

## Referências

---

- AGUIAR, Márcio Mucedula. *As organizações negras em São Carlos: política e identidade cultural*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: Edusc, 1998.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 39-63.
- CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional*. São Paulo: Nacional, 1960.
- CARDOSO, Paulino de Jesus F. *A luta contra a apatia: estudos sobre a Instituição do Movimento Negro Antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Itajaí: Casa Aberta, 2012.
- \_\_\_\_\_. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da educação do Negro e outras histórias*. Brasília: Secad, 2005.
- CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido. *Negros de Lages: memória e experiência de afrodescendentes no Planalto serrano*. Itajaí: Casa Aberta, 2008.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online], v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

- FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e São João Del Rey (1700-1850)*. 2004. 157f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2004.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus: Edunesp, 1965. 2 v.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- \_\_\_\_\_. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (Org.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 341-358. v. 1.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.
- GUIMARÃES, Matheus Silveira. A população africana na irmandade de Nossa Senhora do Rosário: a cidade da Paraíba e o Mundo Atlântico. *Revista Crítica Histórica*, ano VII, n. 13, jun. 2016.
- KABENGELE, Daniela do Carmo. As narrativas e os arranjos da Terminologia racial no período escravista brasileiro: o caso de Antônio Ferreira Cesarino. *História e Perspectivas*, Uberlândia n. 53, p. 401-422, jan./jun. 2015.
- KABENGELE, Daniela do Carmo. As inflexões do termo pardo na trajetória de Antônio Ferreira Cesarino *Campinas, século XIX*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1 e 2, p. 101-112, jan./dez. 2009.
- KASBURG, Alexandre. A micro história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maira et. al. (Org.). *Micro-história, trajetória e imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2015, p. 32-52. Disponível em: E-BOOK: <http://oikoseditora.com.br/files/Micro-Hist%C3%B3ria%20-%20E-BOOK.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- LAGUNA. *Três séculos de brasilidade: dados e informações sobre o município*. Laguna: Prefeitura Municipal, 1982.
- LEVI, Giovani. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 133-161.
- LONER, Beatriz A; GILL, L. A. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.
- LUCINDO, Willian Robson Soares. *Educação no pós-abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931)*. Itajaí: Casa Aberta, 2010.
- MAGALHÃES, Magna Lima. *Entre a preteza e a brançura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2010.
- MAHONY, Mary Ann. A vida e os tempos de João Gomes: escravidão, negociação e resistência no Atlântico negro. *Revista Crítica Histórica*, ano VII, n. 13, jun. 2016.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- \_\_\_\_\_. RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Revista TOPOI*, v. 5, n. 8, p. 170-198, jan./jun. 2004.
- NODARI, Eunice. Sueli.; SERPA, Elio. Cantalicio; MERGENER, Flávia. DEL PRA NETTO, Cláudio. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. *Revista Catarinense de História*, n. 3, p. 7-14, 1995.
- PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.
- REIS, Aloisio. *Brinca quem pode: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna /Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 1996.
- REVEL, Jacques. A história ao rés do chão. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REGINALDO. Lucilene. *Rosários dos pretos, São Benedito de Quissama: irmandades e devoções negras no mundo atlântico (Portugal e Angola, século XVIII)*. Ediciones Universidad de Salamanca. Stud. his., H.<sup>a</sup> mod., 38, n. 1 (2016), p. 123-151.
- ROSA, Júlio César da. *União operária: resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 30*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDESC/SC), Florianópolis, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Negros em Laguna: (in)visibilidade das populações afrodescendentes em Laguna na primeira metade do século XX*. Revista de Pesquisa Histórica. ISSN: 0102-9487 – n.º. 34.1 (2016).
- SANTANA, Tânia Maria Pinto de. *Nossa Senhora do Rosário no Santuário Mariano: Irmandades e devoções negras em Salvador e no recôncavo Baiano (século XVIII)*. Ediciones Universidad de Salamanca / Stud. his., H.<sup>a</sup> mod., 38, n. 1 (2016), pp. 95-122.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69. p. 131-154, 2015.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 182.
- SERNA, Justo; PONS, Anacleto. O buraco da agulha. De que falamos quando falamos de micro-história? In: MARTINS, Maria Cristina Bohn; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). *Uma história em escala: a micro-análise e a historiografia latino-americana*. São Leopoldo: Oikos; Ed. da Unisinos, 2012. p. 15-72. (Coleção EHILA)
- SIEGEL, Micol. Maes pretas, filhos cidadãos. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV 2007.

- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaço para o seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Joselina. *Renascença, Lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros do Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2000.
- SIMÃO, Maritela do Santos. *As irmandades de nossa senhora do rosário e os africanos no Brasil do século XVIII*. 2010. 108p. Dissertação (Mestrado em história da África) – Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, Lisboa, 2010.
- VENDRAME, Maíra et al. (Org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007. p. 239.
- WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Os comos do nome: desencontros e encontros entre microanálise e estudos de nomação. Um balanço historiográfico e uma proposta de pesquisa. In: MARTINS, Maria Cristina Bohn; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). *Uma história em escala: a micro-análise e a historiografia latino-americana*. São Leopoldo: Oikos; Ed. da Unisinos, 2012, p. 181-214. (Coleção EHILA).